

A INFLUÊNCIA DA TAXA DE CÂMBIO NO COMÉRCIO INTERNACIONAL ENTRE AS CIDADES DE PONTA PORÃ/BRASIL E PEDRO JUAN CABALLERO/PARAGUAI

Artigo Completo

Milton Batista Fróes¹

Moysés Simão Kaveski²

Lauriana Meirele³

Cristiane Andrade Cruz⁴

RESUMO

O artigo aborda a taxa de câmbio na região de fronteira entre as cidades de Pedro Juan Caballero/Amambai/Paraguai e Ponta Porã/Mato Grosso do Sul, Brasil. Foram destacadas as taxas de câmbio com base nos Boletins de taxas do Banco Central do Brasil no período de junho/2007 a dezembro/2009. Abordaram-se, como referencial teórico, aspectos relevantes sobre o Padrão Ouro, Sistema Breton Woods, Mercado Cambial, a taxa de câmbio como intermediadora de operações de compra e venda e influência da taxa de câmbio no Balanço de Pagamentos. O objetivo deste artigo foi verificar a movimentação de turistas nesta fronteira e também do comércio nos mercados e postos de gasolina e verificar se essa variação tinha a ver com a taxa de câmbio quando ela estava apreciada ou depreciada.

Palavras-Chave: Taxa de câmbio, apreciação, depreciação, turistas

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho traz a abordagem da taxa de câmbio no comércio internacional nas operações de exportações e importações e os tipos de taxas de câmbio no mercado cambial, sua influência nas operações de câmbio e seus efeitos para os exportadores e importadores, bem como a taxa praticada na cidade de Pedro Juan Caballero/Paraguai e Ponta Porã/Brasil, sua importância no comércio local. Para tanto, foi realizada pesquisa da taxa de câmbio do Banco Central do Brasil no período de junho de 2007 a dezembro de 2009 e ficou constatado que o movimento de mercadorias foi diretamente proporcional à fixação da taxa de câmbio.

A oscilação da taxa de câmbio foi tratada sob a ótica do mercado tanto da demanda como da oferta e evidenciada através de gráficos a fim de demonstrar as suas flutuações.

A importância da taxa de câmbio no comércio internacional é muito grande, tanto que conforme ela esteja apreciada ou depreciada poderá provocar um saldo favorável ou não no

¹ Prof. Me. efetivo da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Coordenador do Curso de Administração

² Prof. Me. efetivo da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Gerente da Unidade de Ponta Porã

³ Aluna do Curso de Ciências Contábeis da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

⁴ Graduada em Administração em Comércio Exterior e aluna do Curso de Ciências Contábeis,

Balanço de Pagamentos do País, considerando a composição da pauta de exportações e das importações.

Foram feitas menções ao Balanço de Pagamentos do País o qual mede o volume de intervenção de moeda estrangeira ou o volume de reservas que o país possui, ou seja, pela importância que tem para se saber o efetivo movimento de entradas e saídas de divisas.

Frente a isso, este trabalho tem como objetivo analisar a influência da taxa de câmbio no comércio internacional envolvendo as cidades de Ponta Porã/MS, Brasil e Pedro Juan Caballero, Amambay, Paraguai, no período de junho/2007 a dezembro/2009.

2 HISTÓRICO DO PADRÃO OURO

No período que vai de 1918 a 1940, durante o período inter-guerras, as taxas de câmbio flutuavam quando os países tinham vigência ao padrão-ouro.

O padrão-ouro que funcionou no período de 1880 a 1914, era considerado um sistema de taxas fixas em que o ouro era o único ativo em reservas internacionais, considerado um padrão fiduciário puro, ou ainda um sistema de taxas de câmbio fixa. Cada país determinava o conteúdo do ouro de sua moeda e permanecia passivamente pronta para realizar operações em ouro em qualquer quantidade e no preço determinado (SALVATORE, 2000). Mas isso não quer dizer que não se pode ter um sistema de taxas fixas que não tenha vínculo ao padrão-ouro, mas vinculada somente às reservas internacionais com base em moedas estrangeiras como o dólar, euro, entre outras, as quais não são mais lastreadas em ouro.

Em um sistema de flutuação livre não existe a necessidade de se ter reservas internacionais, pois as alterações nas taxas de câmbio ocorrem e corrigem automaticamente e imediatamente qualquer desequilíbrio do Balanço de Pagamentos, se houver.

No período do padrão-ouro, até 1919, a taxa de câmbio era fixada dentro dos limites dos pontos de ouro com base nas forças da demanda e oferta da moeda. O padrão-ouro terminou com a Guerra Mundial, iniciando-se o período de flutuação de taxas (1919-1924), acabaram-se as flutuações violentas, houve o desejo de se voltar ao sistema anterior estável do padrão-ouro. Vários países restabeleceram esse tipo de conversibilidade, algumas moedas como a libra, dólar americano e o franco francês eram utilizados como reservas internacionais, economizando sensivelmente o ouro.

Conforme Maia (2001) houve três períodos principais de predominância da taxa de câmbio, conforme Tabela 1:

Tabela 1 – Histórico da taxa de câmbio

Período	Ocorrência
1919 a 1925	Predominância do sistema de taxas flutuantes
1925 a 1930	Houve retorno ao padrão-ouro
1930 a 1940	Houve o abandono do padrão-ouro

Fonte: Maia (2001 p. 85), adaptado pelo autor

Para se realizar pagamentos internacionais existem regras, práticas, instrumentos, instalações e organizações. Os sistemas monetários internacionais podem ser classificados conforme a determinação das taxas de câmbio ou de acordo com a forma assumida pelos ativos de reservas internacionais, formando diversos sistemas de taxas de câmbio.

3 SISTEMA BRETTON WOODS

Segundo Ratti (2001) o sistema de Bretton Woods vigorou entre 1946 a 1971 e tinha com o objetivo a estabilidade das taxas cambiais a fixação das taxas através de intervenções oficiais no mercado de câmbio. Os antigos *gold points* foram substituídos pelos chamados pontos de sustentação ou pontos de intervenção. Ou seja, cada país fixava o valor de sua moeda em termos de ouro e dólares, assumindo o compromisso de evitar qualquer variação que fosse superior a 1% para cima ou para baixo, do valor da paridade estabelecida com a sua moeda e o dólar americano. Esses intervalos de 2% (1% para cima, 1% para baixo) determinavam os chamados pontos de sustentação, que na realidade eram a fixação de taxas ditas mínimas e máximas que os Bancos Centrais (BC) eram obrigados a sustentar no mercado cambial para evitar a flutuação exagerada do preço do dólar em termos da moeda nacional de um país.

Em vista dos déficits no Balanço de Pagamentos dos Estados Unidos, na década de 1960, começaram a frear discretamente a conversibilidade de sua moeda em ouro. A partir de 1970 houve uma desconfiança generalizada de que o dólar seria desvalorizado, então aqueles que possuíam dólares começaram a trocar essa moeda por outras como a libra, franco francês, marco alemão. Os bancos que fizeram as operações de troca, não hesitaram em solicitar aos Estados Unidos a conversão desses dólares por ouro. Assim as reservas americanas caíram sensivelmente obrigando os Estados Unidos a decretar em 15 de agosto de 1971 a inconvertibilidade de sua moeda por ouro. Além disso, criaram uma sobretaxa sobre as importações com alíquota de 10%, fazendo com que os países valorizassem as suas moedas perante o dólar americano.

As exportações dos demais países ficaram mais caras e suas importações mais baratas, o que contribuiu para diminuir o déficit do balanço de pagamentos dos Estados Unidos. Nessa época, algumas moedas foram valorizadas como o marco alemão, ien japonês, franco suíço, xelim austríaco, franco belga e florim holandês e outras foram desvalorizadas como a lira italiana, coroa sueca e dólar americano, com base nas alterações nos valores de suas paridades-ouro (RATTI, 2001).

Houve outras crises internacionais, como a de 1973, nesse período os países procuraram manter suas taxas com flutuações mais estreitas do que o permitido pelo acordo Smithosiano. Apesar da desvalorização da moeda americana ocorrida em 1971, não foi suficiente para diminuir o déficit do balanço de pagamentos dos Estados Unidos, de maneira que em março de 1973 houve nova desvalorização na ordem de 10%, elevando a onça de ouro de US\$ 38,00 para US\$ 42,22.

A suspensão da conversibilidade do dólar, no entender de Ratti (2001), provocou a adoção do sistema flutuante por parte de vários países e pensou-se seriamente na necessidade de uma reforma no sistema monetário internacional.

4 MERCADO DE CÂMBIO

Segundo Salvatore (2001, p. 248), mercado de câmbio “é aquele em que indivíduos, empresas e bancos compram e vendem moedas estrangeiras ou câmbio estrangeiro”. Maia (2001, p. 251), define-o como sendo o “encontro dos compradores de moedas com os respectivos vendedores”.

O Banco Central do Brasil (BACEN) tem uma definição mais ampla: “o mercado de câmbio é o ambiente abstrato onde se realizam as operações de câmbio entre os agentes autorizados pelo Banco Central (bancos, caixas econômicas, corretoras, distribuidoras, agências de turismo e meios de hospedagem) e entre estes e seus clientes. [...] e englobam as operações de compra e de venda de moeda estrangeira, as operações em moeda nacional entre residentes, domiciliados ou com sede no País e residentes, domiciliados ou com sede no exterior e as operações com ouro-instrumento cambial, realizadas por intermédio das instituições autorizadas a operar no mercado de câmbio” (BACEN, 2009).

O Mercado Cambial possui diversas divisões para se poderem formalizar as operações de Câmbio, conforme a seguir: a) transações entre bancos e clientes dentro do país; b) transações entre bancos no mesmo país; c) transações entre bancos localizados em diferentes

países; d) transações entre bancos e bancos centrais dentro do mesmo país; e) transações entre bancos centrais localizados em diferentes países (RATTI, 2001, p. 115).

Nas operações entre bancos e clientes referem-se a todas as operações de exportações e importações bem como de clientes pessoas físicas que precisam utilizar dos serviços dos bancos para remessa de ordem de pagamentos (expedidas e recebidas), trocas de cheques (recebidos e expedidos) em moedas estrangeiras. Há um volume muito intenso de movimentação financeira entre eles.

O outro item “transações entre bancos no mesmo país” são operações que servem para cobrir a posição cambial, ou seja, toda a movimentação financeira de um banco de operações de compra, por exemplo, de exportações, deve-se fazer uma movimentação em sentido contrário, uma operação de venda, que pode ser de venda de importação ou de venda no interbancário para nivelamento de sua posição cambial.

Muitas operações de bancos brasileiros são efetuadas com bancos estrangeiros para comprar e vender moedas estrangeiras para ajustamento de posição de moedas estrangeiras como ien japonês, euro, libras esterlinas, que são chamadas de arbitragens.

4.1 A taxa de câmbio como intermediadora de operações de compra e venda e seus efeitos nas operações de Exportação e Importação

Quando dois países resolvem comerciar entre si é necessário que exista uma possibilidade de conversão de suas moedas. Quando o Brasil vende para o Paraguai, por exemplo, recebe-se o valor da mercadoria em dólar, que é a moeda universalmente aceita, através de um banco. O produto dessa operação é creditado ao exportador brasileiro em reais que é a moeda oficial nacional, através da conversão do dólar por real a uma taxa de câmbio no dia do fechamento de câmbio dessa operação. Por outro lado, numa importação o importador compra divisas de um banco autorizado a operar em câmbio, o qual remete ao exportador no exterior, em pagamento das mercadorias recebidas (FRÓES, 2006).

A taxa de câmbio, de acordo com Cave (2001, p. 548) “é definida como o preço da moeda estrangeira em termos da moeda doméstica”. Ou ainda “[...] é a medida pela qual a moeda de um país qualquer poder ser convertida em moeda de outro país” (PINHO e VASCONCELOS, 2001, p. 426).

4.2 Terminologia utilizada para indicar a oscilação da taxa de câmbio

No que se refere à terminologia do termo para indicar a oscilação da taxa de câmbio para mais ou para menos, Dornbush (1991, p. 209) faz o seguinte comentário:

A linguagem usada, no que diz respeito às taxas de câmbio, pode ser confusa. [...] os termos *depreciação* e *apreciação*, *desvalorização* e *valorização* repetem-se em qualquer discussão sobre comércio e finanças internacionais. [...] Uma **desvalorização** ocorre quando o preço das moedas estrangeiras sob um regime de taxa de câmbio fixa é aumentado por uma ação oficial. [...] o oposto de uma desvalorização é uma valorização. [...] Variações no preço da moeda estrangeira sob taxa de câmbio flexível são referidas como uma **depreciação** ou uma **apreciação** da moeda.

Uma moeda se deprecia, quando, sob taxas flutuantes, ela se torna menos cara em termos de moedas estrangeiras. Quando se fala em depreciação implica então em um sistema de taxas flexíveis. E a desvalorização se refere à política de aumento deliberado da taxa de câmbio por parte das autoridades monetárias de um nível fixo ou determinado para outro. Tanto a desvalorização e a depreciação atuam sobre os preços para obter um ajuste na conta corrente e no balanço de pagamento da nação, e são conhecidas como mecanismos de ajustes de preços (DOMINICK 2000, p. 295).

O sistema cambial brasileiro adota o câmbio flexível, ou seja, a taxa de câmbio flutua de acordo com as alterações da curva de oferta e quantidade procurada de moeda. Quando há uma oferta muito grande de dólares no mercado, a tendência é baixar a taxa de câmbio, e quando há uma oferta muito pequena de dólares no mercado, a tendência é subir a taxa de câmbio na venda de divisas.

A reação de equilíbrio da taxa cambial será até um dado nível em que a demanda e oferta agregada de moeda estrangeira sejam iguais.

Em um sistema de *flutuação limpa*, os bancos centrais deveriam ficar totalmente fora e permitir que as taxas de câmbio sejam determinadas livremente nos mercados de câmbio estrangeiros (DORBUSCH, 1991). Por outro lado, há nações que operam com taxas flexíveis e tentam influenciar o valor da sua moeda realizando operações no câmbio de moeda estrangeira, que é chamado de *flutuação suja* (SACHS e LARRAIN, 1998).

É o caso do Brasil, o Banco Central intervém no mercado de câmbio, comprando ou vendendo moeda estrangeira, através dos principais bancos autorizados a operar em câmbio, chamados de “dealers”. Na realidade o BC adota o câmbio flexível considerando as forças da oferta e demanda, mas por outro lado não segue as leis do mercado no intuito de manter o equilíbrio forçado da taxa de câmbio para não prejudicar, principalmente, os exportadores.

As entradas de capitais externos são maiores pelo fato de que a taxa de juros internos são maiores que a taxa de juros externas, de sorte que o capital investido aqui é mais bem remunerado do que, por exemplo, nos Estados Unidos e Europa.

Somente haverá um equilíbrio quando a taxa de juros doméstica for igual à taxa mundial, ou seja, quando houver a equalização das taxa de juros, não havendo então infinitas entradas ou saídas de capital na economia.

Pinho e Vasconcellos (2004, p. 448), referem-se ao mercado flutuante como sendo “[...] um mercado de divisas do tipo concorrência perfeita, sem intervenções do Banco Central [...] enfatizando que “[...] qualquer desequilíbrio seja prontamente eliminado pelo mecanismo de preço (alteração da taxa de câmbio)”. O mercado determinando a taxa de câmbio, não fica sujeita às intervenções o que é uma vantagem do câmbio flutuante.

Algumas desvantagens deste sistema, de acordo com os mesmos autores, Pinho e Vasconcellos (2004), é a instabilidade devido à volatilidade da taxa de câmbio, que podem desestabilizar os fluxos comerciais restringindo o comércio internacional através do ressurgimento do protecionismo.

O que o investidor espera em uma aplicação depende da taxa de juros e da mudança esperada na taxa de câmbio para decidir-se em comprar um título em dólares ou reais, calcular o retorno em reais de uma aplicação em dólares. O rendimento esperado do ativo será então a diferença entre o valor futuro esperado do ativo e o preço atual, em termos de porcentagem.

4.3 Influência da Taxa de Câmbio no Balanço de Pagamentos

Quando se fala em taxa de câmbio necessariamente deve-se mencionar o Balanço de Pagamentos, que, no entender de Dornbusch (1991), mede o volume de intervenção de moeda estrangeira que os bancos centrais necessitam. Ou seja, o banco central pode verificar através do balanço de pagamentos qual o volume de reserva que o país possui. Um país depende de sua balança comercial favorável ocasionado por um volume maior de exportação do que de importações.

O Balanço de Pagamentos sempre foi um tema que chamou a atenção pela importância que este tem para saber o efetivo movimento de entradas e saídas de divisas. Grande parte conhece-o mais particularmente no que se refere à Balança Comercial, a qual reflete efetivamente o desempenho das exportações e importações de mercadorias. Mas outras todas as transações legais de moedas estrangeiras do país são contabilizadas de alguma forma no

Balanço de Pagamentos. Dornbusch (1991) diz que o Balanço de Pagamentos mede o volume de intervenção de moeda estrangeira que os bancos centrais necessitam.

Salvatore (2000) complementa que nele encontram-se registradas todas as transações dos indivíduos (contábil, econômico, financeiro e estatístico) de uma nação com os de outras nações durante um determinado período de tempo, geralmente o ano civil, com início em 01 de janeiro e término em dezembro com o objetivo principal de informar o governo sobre a posição internacional da nação e auxiliá-lo em sua formulação de suas políticas governamentais.

5 MATERIAIS E MÉTODOS/METODOLOGIA

A metodologia utilizada nesta pesquisa foi de caráter descritivo/exploratório. Os conceitos de métodos são encontrados em Andrade (2003), sendo que método é definido também em Hegenberg (1976), Trujilo (1976) ambos citados por Lokatos e Marconi (1991).

A pesquisa descritiva/exploratória teve como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, estabelecimento de relações entre variáveis em Gil (2002), também em Selltiz *et al* (1967), Yin (2001) e Skate, (2000), todos citados por Gil (2002).

A avaliação e análise dos dados e preparação do relatório encontram-se em Yin (2001) e Skate, (2000), ambos citados por Gil, (2002).

5.1 Coleta de Dados

Este estudo se caracteriza como exploratório descritivo, pois busca, primeiramente, maior conhecimento da situação.

Os dados desta pesquisa tiveram como fonte o levantamento documental, e realização de pesquisa de campo, com levantamento de dados nos supermercados das cidades de Pedro Juan Caballero/Paraguai e Ponta Porã/Brasil, no intuito de verificar os preços de alguns produtos. Além disso, foi realizada pesquisa de preços em alguns postos de gasolina das duas cidades fronteiriças. Esse estudo possui caráter qualitativo, pois mesmo trabalhando-se com dados numéricos as análises seguiram interpretações quantitativas com base hermenêutica, ou seja, com base em interpretações feitas pelo conjunto dos pesquisadores envolvidos neste estudo.

Os principais mercados da fronteira visitados foram: Mercados Luz, Maxi, em Pedro Juan Caballero e Nippon e Bom Gosto e diversos pequenos mercados nos bairros de Ponta Porã, no Brasil.

Foi constatado que o Mercado Luz no Paraguai tinha o cuidado em não autorizar a pesquisa de preço, por causa da concorrência com outros mercados paraguaios e também com os demais mercados brasileiros.

No mercado brasileiro não houve problemas, principalmente no Mercado Bom Gosto, tanto que o gerente responsável passou diversas planilhas de preços constando pesquisa realizada pelo mercado com os preços dos seguintes mercados: Mercado Luz, Supermercado Maxi, no Paraguai, e Supermercado Nippon e deles próprio, no Brasil. Observou-se que muitos preços de produtos estavam até mais baratos no lado brasileiro. Mas como o real estava valorizado, tinha-se a impressão que os produtos no lado paraguaio estavam com preços menores. E grandes quantidades de pessoas acabavam indo ao Paraguai fazer suas compras sem se preocupar com a pesquisa de preços. Os refrigerantes, porém, estavam com preços bastante diferenciados, de maneira que era melhor comprá-los no país vizinho.

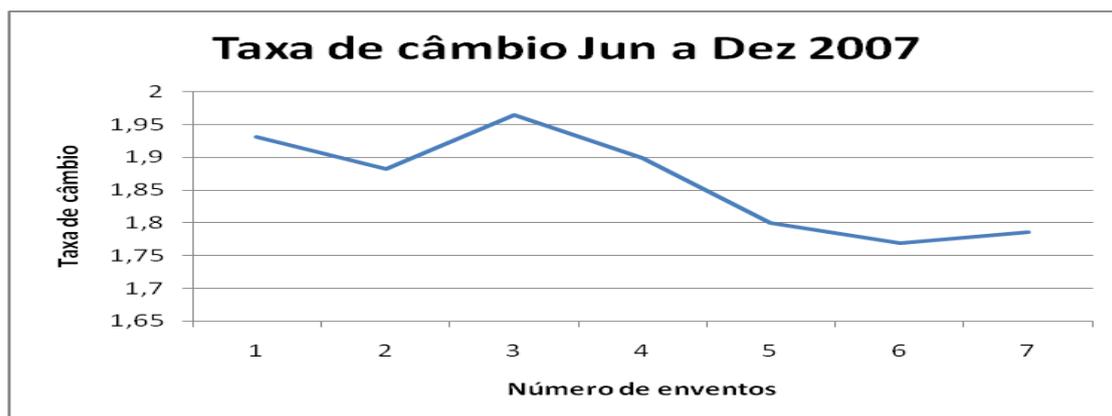
A seguir o comentário das taxas de câmbio do dólar dos Estados Unidos que influenciaram no movimento de compra de mercadorias na fronteira, com base nos boletins de taxas do Banco Central do Brasil.

5.2 Taxa do dólar dos meses de julho a dezembro de 2007 - Início do projeto/julho de 2007

No início do projeto a taxa de câmbio apresentava-se com estabilidade, com cotação abaixo dos dois reais, cujas taxas influenciavam sensivelmente o movimento de turistas na faixa de fronteira, bem como dos residentes do município os quais tinham a regalia de comprar produtos no lado paraguaio com preços melhores, principalmente alimentos e combustível.

Nos meses de setembro e outubro de 2007 o real se valorizou ainda mais apresentando as seguintes taxas: R\$ 1,8381, em setembro e R\$ 1,7432, em 10 de outubro de 2007 em relação ao dólar. No mês de novembro praticamente manteve-se a mesma taxa abrindo com R\$ 1,7452 por dólar e no final do mês com um pequeno aumento passando para R\$ 1,7829. No mês de dezembro de 2007 continuou a tendência de baixa da taxa de câmbio, abrindo o mês com uma taxa de R\$ 1,7880, em 03/12/2007, e fechando com a taxa de R\$ 1,7705, em 30/12/2007.

Gráfico 1 - Média das taxas do dólar dos Estados Unidos de Julho a Dezembro de 2007



Fonte: Autor, com base nas taxas fornecidas pelo Bacen (2009)

O Gráfico 1 demonstra a oscilação da taxa de câmbio do período de junho de 2007 a dezembro de 2007, indicando o valor das taxas médias de câmbio.

5.3 Taxa de câmbio de janeiro a dezembro de 2008

Em janeiro de 2008 o real manteve-se firme, valorizado frente ao dólar, o que refletiu em manter o fluxo de turistas na fronteira bastante acentuado, devido que os preços dos importados continuavam atrativos, além do que os supermercados paraguaios continuavam a oferecer produtos abaixo dos preços dos supermercados brasileiros favorecendo os clientes tanto brasileiros como paraguaios. No dia 29 de fevereiro verificou-se uma das mais baixas taxas de câmbio R\$ 1,6825 por dólar.

No mês de março a taxa de câmbio permaneceu em baixa na primeira quinzena do mês, com ligeira alta na segunda quinzena, passando de R\$ 1,6808, em 03/03/2008 para R\$ 1,7483, em 31/03/2008.

Em abril o real manteve-se apreciado em relação ao dólar e ainda com tendência de baixa o mês inteiro, com pequena recuperação do dólar no final do mês, mas sem significância.

O real em março mantinha-se apreciado em relação ao dólar, favorecendo os turistas que se dirigiam à fronteira à procura de importados, bem como os residentes de Ponta Porã. Os postos de combustíveis ofereciam os seus produtos com grande diferença em relação aos postos brasileiros.

No mês de julho de 2008 o real continuava muito valorizado em relação ao dólar, com isso os importados estavam com preços favoráveis. Para os exportadores a situação ficava mais difícil, visto que os produtos brasileiros ficam não competitivos com os produtos de outros países, pois as empresas para compensar o prejuízo são obrigadas a aumentar os preços

em dólar para obterem mais reais e não arcar com o prejuízo dos seus custos de produção e assim perdem boa parte da fatia do mercado internacional.

Embora o Banco Central do Brasil intervenha no câmbio para tentar a desvalorização cambial, isso não foi possível devido que houve excesso de entrada de dólares para aplicações no país devido às taxas mais favoráveis do que de outros países e também devido ao volume de exportações realizadas pelo Brasil, fazendo com que a taxa de câmbio se mantivesse valorizado. Conforme cotações do Banco Central do Brasil, o câmbio chegou a R\$ 1,5641 por dólar em 01 de agosto de 2008.

A partir de 08 de agosto de 2008, o real começou a se desvalorizar em relação ao dólar dos Estados Unidos. Com isso o fluxo de turista começou a diminuir em Pedro Juan Caballero, tanto que no fim do ano a queda foi sensível, com várias lojas pequenas sendo fechadas em Pedro Juan Caballero por causa da queda nas suas vendas, em torno de 30%, em relação aos meses em que o real estava valorizado. Segundo entrevistas com alguns empresários de estabelecimentos no Paraguai, mantinham-se estoques mínimos e vendendo a preços muito baixos para tentar sobreviver. Em estabelecimentos maiores como o Studio Center, de importados, em entrevistas com um dos gerentes, o mesmo referiu-se às dificuldades devido à queda no movimento e a empresa trabalhava com estoque mínimo.

No mês de novembro de 2008, a taxa de câmbio continuou aumentando de R\$ 2,1810 em 03/11/2008 para 2,3323 em 30/11/2008. Os postos de gasolina seguiram a cotação do dólar/guarani para se fazer a conversão entre o preço do combustível e a moeda brasileira. E como todos os preços de mercadoria e combustíveis estão atrelados ao dólar, conseqüentemente os preços também subiram. Mas não na mesma proporção dos preços dos combustíveis brasileiros. Se os preços praticados no Brasil eram de R\$ 2,80 por litro de gasolina, no Paraguai podiam ser encontrados a R\$ 1,80 a 1,90 por litro, com uma diferença significativa.

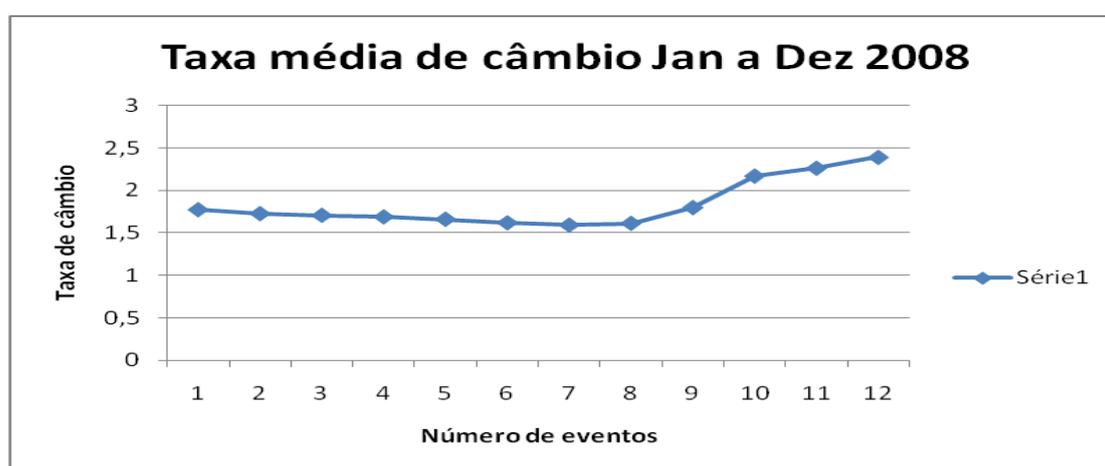
Nas visitas aos supermercados brasileiros até a metade de 2008 era sensível a baixa de consumidores nos estabelecimentos, havia poucas pessoas comprando no lado brasileiro, enquanto que, no lado paraguaio, formavam-se filas enormes nos caixas, o que refletia a baixa dos produtos naquele país.

O movimento nos mercados brasileiros voltou com força total, a partir da desvalorização do real, em setembro de 2008, formando-se extensas filas nos caixas, o que não era possível no meio do ano de 2008.

Os postos de gasolina no lado brasileiro também estavam com movimento mais acentuados desde setembro de 2008, enquanto que no lado paraguaio o movimento era de

certa forma escasso, com exceção dos postos da saída da cidade, de marca Petrobrás. As empresas concessionárias de mecânica brasileira aconselhavam a utilizar a gasolina brasileira, visto ser de melhor qualidade para os carros nacionais. Mas quando o preço era muito baixo no Paraguai, em torno de 30%, como foi em 2007 e 2008, ninguém pensava na qualidade do produto, mas no bolso. Em 2007 e 2008, montaram-se diversos postos de gasolina no lado paraguaio, quase num mesmo momento ergueram-se quatro postos de gasolina na faixa da fronteira, dois da Copetrol, dois da Petrobrás, devido ao movimento intenso de veículos para abastecer no Paraguai. O fluxo de turista era muito grande naquele período (2007/2008).

Gráfico 2 - Média das taxas do dólar dos Estados Unidos - Janeiro a Dezembro 2008



Fonte: Autor, com base nas taxas fornecidas pelo Bacen (2009)

Segundo o Gráfico 2, observou-se que houve uma pequena baixa da taxa de câmbio de janeiro a julho de 2008 e aumentando a partir de agosto até dezembro de 2008.

5.4 Taxa do dólar de janeiro a dezembro de 2009

No mês de janeiro de 2009, o dólar manteve-se estável em relação ao real, com pequena baixa em 03 de janeiro. No mês de janeiro de modo geral a taxa de câmbio em relação ao dólar manteve-se em alta acima dos dois reais, com média de R\$ 2,30664.

Em fevereiro a taxa do dólar manteve-se em alta nos primeiros dias do mês, com queda no meio do mês e com ligeira alta no final do mês. Mas de modo geral, a taxa permaneceu com estabilidade durante o mês de fevereiro de 2009, apresentando uma média de taxa de R\$ 2,3187.

No mês de março oscilou entre as taxas de R\$ 2,2371, inicial e R\$ 2,421, final, de certa forma manteve-se estável nesse período.

Em abril a taxa de câmbio manteve-se também estável, mas com ligeira queda em relação ao mês anterior, o que veio favorecer os turistas que vieram fazer suas compras no Paraguai, com abertura de R\$ 2,2891 em 01/04/2009 e fechando o mês, em 30/04/2009, com a taxa de R\$ 2,1775.

A partir do mês de março/2009, o real começou a ser valorizado em relação ao dólar dos Estados Unidos, com a taxa de câmbio baixando gradativamente, favorecendo os turistas brasileiros nas suas compras no país vizinho. Com isso verificou-se também um movimento maior nos supermercados paraguaios em vista da apreciação do real.

No mês de junho de 2009 a taxa de câmbio teve variações durante o mês inteiro, e com ligeira baixa da taxa de câmbio no final do mês.

No mês de julho manteve-se estável, com pequena alta em relação ao mês anterior, algumas taxas ficaram acima de R\$ 2,00, com tendência a baixa no final do mês em curso.

O real a partir do mês de agosto de 2009 valorizou-se mais, com tendência até o final do mês o que veio trazer um fluxo muito grande de turistas ao Paraguai e também uma procura maior por produtos alimentícios nos mercados paraguaios. O que se observou é que os mercados brasileiros continuaram com seu movimento normal, com grande fluxo de pessoas, devido que os mercados paraguaios praticavam preços semelhantes aos mercados brasileiros, sem deduzir os impostos dos produtos.

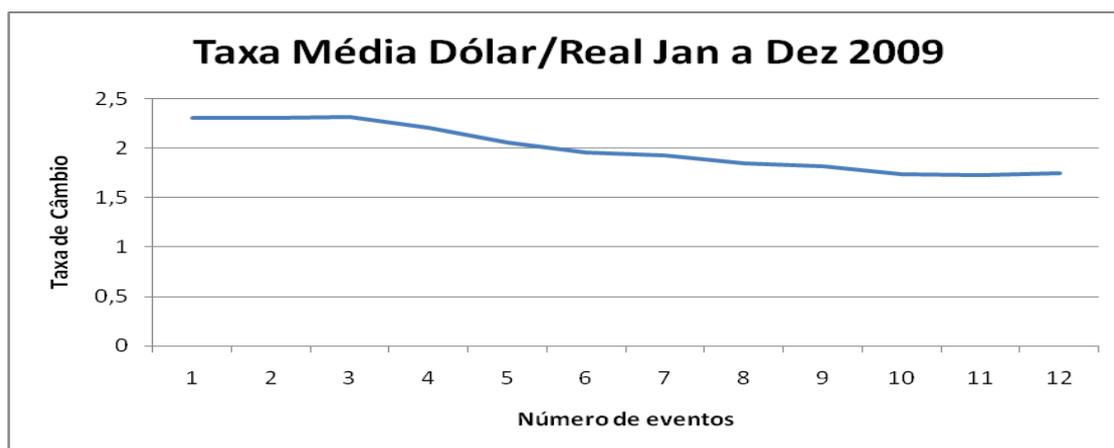
No mês de setembro de 2009 a taxa de câmbio iniciou com alta e na maior parte do mês a mesma teve queda.

Em outubro de 2009 a taxa de câmbio permaneceu em baixa com oscilações durante o mês em curso.

O mês de novembro iniciou com baixa na taxa de câmbio e com alta a partir da segunda quinzena do mês.

O mês de dezembro a taxa de câmbio continuou apresentando uma taxa favorável para as compras de importados com o real muito apreciado em relação ao dólar dos Estados Unidos.

Gráfico 3 - Média das taxas do dólar dos Estados Unidos de Janeiro a Dezembro 2009



Fonte: Autor, com base nas taxas fornecidas pelo BACEN (2009)

O Gráfico 3 demonstra as taxas médias do período de janeiro a dezembro de 2009, com baixa contínua da taxa de câmbio desde janeiro de 2009 até o final desse ano.

6 CONCLUSÃO

O estudo iniciou em junho de 2007. Nesse mês a taxa de câmbio apresentava uma média de 1,93107, bastante baixa em relação às taxas apresentadas no início do ano, fechando o ano de 2007 com uma taxa média de câmbio de R\$ 1,785185, com a valorização do real frente ao dólar dos Estados Unidos, o que implicava num forte movimento nas lojas de importados do Paraguai, postos de gasolina e supermercados. No período de baixa do câmbio do dólar em relação ao real, muitas lojas brasileiras tiveram que fechar as portas, como foi o caso de um grande mercado brasileiro, o Hipermercado BIG, que não conseguiu suportar a concorrência dos produtos no mercado paraguaio.

Além do dólar, que se desvalorizava gradativamente, proporcionando um aumento sensível de consumo no lado paraguaio, outro fator ajudava. Os produtos brasileiros vendidos no Paraguai tinham ainda a isenção de vários impostos como o Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), Imposto de Exportação (IE), Imposto sobre a circulação de bens e serviços (ICMS), Programa de Integração Social (PIS) e Contribuição para financiamento da Seguridade Social (COFINS), que pode chegar até 35% de isenção. Ficava impraticável o comércio brasileiro.

Em vários estabelecimentos brasileiros se verificavam que alguns produtos importados, disponíveis no Paraguai, também estavam sendo vendidos no Brasil, como refrigerantes, cigarros. Como não havia um controle rígido, era comum produtos de

exportação brasileira ser vendidos no Brasil. Foi uma forma de alguns estabelecimentos comerciais menores driblarem a crise da concorrência com os produtos dos mercados paraguaios, isentos de impostos. Nos grandes mercados brasileiros onde há um controle maior, ficava mais difícil colocar produtos brasileiros adquiridos no Paraguai, de importadoras paraguaias.

No período em estudo verificou-se a influência que a taxa de câmbio teve no comércio da fronteira onde todas as transações internacionais e locais, principalmente no lado paraguaio estavam atreladas ao dólar dos Estados Unidos.

Se o real estava valorizado, os turistas vinham à fronteira à procura de importados, e se real estava desvalorizado, acontecia o contrário, os turistas deixavam de vir, devido aos preços mais caros dos importados.

O estudo não se esgotou, mas pode servir de base para continuar outra pesquisa sobre o assunto e assim ter um parâmetro para os próximos anos do movimento comercial na faixa de fronteira.

7 REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. M.** **Introdução à metodologia do trabalho científico:** elaboração de trabalho de graduação. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1997.
- BANCO CENTRAL DO BRASIL.** **Boletim de taxa de Câmbio.** Disponível em <http://www.bcb.gov.br>. Acesso em mar. 2009.
- CAVE, R. et al.** **Economia Internacional** – Comércio e transações globais. Saraiva. São Paulo 2001.
- DORNBUCH, R.; FISCHER, S.** **Macroeconomia.** 5. ed. Makron Books, São Paulo 1991.
- GIL, A. C.** **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- LOKATOS, E. M.; MARCONI, M. A.** **Metodologia científica.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 1991.
- MAIA, J. M.,** **Economia Internacional e Comércio Exterior.** 7. ed. Atlas São Paulo, 2001.
- RATTI, B.** **Comércio Internacional e Câmbio.** 10. ed. Aduaneiras. São Paulo, 2001.
- SACHS, J. D.; LARRAIN B. F.** **Macroeconomia.** Makron Books 1998.
- SALVATORE, D.** **Economia Internacional.** 6. ed. LTC. Rio de Janeiro, 2000.
- PINHO, D. B.; VASCONCELLOS, M. A. S.** **Manual de Economia** – Equipe de professores da USP. 4. ed. Saraiva. São Paulo, 2004.